

DOSSIÊ
RESSOCIALIZAÇÃO
E CULTURA



Entrevista com Vanessa Ferrari

por Bruno Zeni¹

A experiência do clube de leitura em unidades prisionais foi o tema da entrevista feita pelo editor temático do dossiê Ressocialização e Cultura, Bruno Zeni, com Vanessa Ferrari. Editora, mestre em Crítica Textual, ela conhece o tema de perto, coordenando o projeto da Companhia das Letras de oficinas de leitura e resenha de livros em complexos penitenciários do Estado de São Paulo.



Como surgiu a ideia do clube de leitura em unidades prisionais? Em qual unidade teve início?

Começou em 2010 na penitenciária de Santana, quando o Luiz Schwartz, editor da Companhia das Letras, voltou dos Estados Unidos fascinado com a força dos clubes de leitura lá. Ele pensava que, como a gente não tem a cultura de clube de leitura, podia começar a trabalhar esse aspecto do leitor. E a Companhia começou a fazer leituras em parceria com as livrarias. Esses clubes são privados, digamos, mas tinha um viés, que era fazer um clube sem fins lucrativos. E uma das ideias, desde o início, era fazer em uma penitenciária. O Dráuzio Varella, como autor da editora, foi o nome que surgiu. Ele continua fazendo na Penitenciária Feminina de Santana o que fazia no Carandiru, que é ser médico voluntário. A gente pensou no Dráuzio como uma via de acesso, para a gente tentar numa penitenciária. E como ele estava numa feminina, foi ele que apresentou a diretoria para gente. Começamos em 2010, com dois clubes de leitura que aconteciam uma vez por mês. A gente mandava os livros para um grupo de vinte meninas, e elas tinham um mês para ler. A gente se encontrava um mês depois, e fazia o bate-papo sobre o livro.

Na penitenciária já havia algum tipo de trabalho nesse sentido? Uma biblioteca, ou o próprio Dráuzio de alguma forma vislumbrava isso ou foi de fato uma iniciativa inédita?

Clube de leitura não tinha, mas as unidades em geral têm bibliotecas, que variam de tamanho, e também de tipos de livros. São livros que estão ali e são acessados pelos presos. Há iniciativas também pontuais, aqui e ali, mas um clube de leitura mensal, com uma curadoria de livros pensada para tanto, isso não existia. Acho que o legal desse projeto é que é um projeto de formação de leitor. Então, a gente saiu de uma premissa que foi super acertada, de que não cabia a nós decidir o que elas iam gostar de ler. Ao escolher os livros, pensávamos em diversidade, imaginando que em algum momento uma leitora vai ser fisgada por um tipo de livro. Então demos, ao longo desses anos, coisas muito diversas em termos de gênero e também de grau de dificuldade.

Gênero literário?

É. Demos romance contemporâneo brasileiro, estrangeiro, quadrinhos, clássicos da literatura. E aí fomos entendendo que uns dogmas não faziam muito sentido. Por exemplo, essa relação de que quanto mais simples o livro, mais fácil a leitura, e quanto mais sofisticado, mais difícil, essa é uma relação falsa para o leitor. Há livros fáceis e difíceis em todos os níveis, e não tem a ver com a sofisticação. Por exemplo, *A metamorfose*, do Kafka é um livro muito claro, embora seja uma alegoria bastante sofisticada. O mesmo vale para *Desonra*, do Coetzee, que é um autor que tem uma narrativa claríssima: é um livro muito bom, mas é totalmente acessível. Agora, outros clássicos são mais difíceis, então nem sempre todos os clássicos podem ser dados, e há livros que também são mais fáceis e que são difíceis de passar por eles. Por exemplo, você tem livros de escritores portugueses, você tem várias questões desses livros, por exemplo, a sintaxe é diferente, as imagens são diferentes, os nomes dos personagens, então às vezes o lugar onde se passa. Então as dificuldades passam mais por essas coisas do que por essa chave da qualidade do livro



Você falou sobre a premissa inicial acertada. Mas essa premissa inicial fez vocês orientarem algumas escolhas, vocês fizeram um certo recorte. Nesse sentido, o que é que vocês imaginavam de início, para fazer essa primeira seleção? Livros convidativos, livros sedutores, livros que pudessem ter algum tipo de discussão para o universo carcerário?

Fomos testando. Uma coisa que a gente percebeu nas conversas dos primeiros encontros é que a gente tinha que fugir de livros cuja temática fosse a do universo que elas estavam vivendo. Então, a gente entendeu que a graça do encontro, era justamente você sair daquele cotidiano. Então livros, por exemplo, o *Estação Carandiru*, que falassem dessa vivência dos presos eram muito menos atrativos porque mais sedutor seria você falar de outras histórias. Então, esse foi um critério que a gente entendeu. Outro é que romances policiais, para além de ser a mesma temática, não te trazem muitos elementos para discussão porque a forma do romance policial é esconder uma informação e no final você entregar. Então, muitas vezes você não tem questões existenciais e tal, e a discussão não é muito rica. Esse foi um recorte que a gente fez.



Um outro recorte que a gente fez foi que, assim como para qualquer leitor, o número de páginas também conta, então não é porque elas estão presas, ou têm uma formação que não é a mais adequada, que o número de páginas é uma restrição. Se você pegar qualquer leitor em qualquer lugar, essa é uma restrição. Também é uma decisão você comprar um livro de 600 páginas e ler. Então, como a gente não sabia como elas iam receber, fomos dando livros. Começamos com *Dois irmãos*, que elas passaram, conseguiram ler com tranquilidade, mas que é um livro muito difícil, porque é uma família disfuncional, uma mãe que tem preferência por um filho e o outro filho é problemático. Às vezes a temática pega de um jeito, mas pega por justamente porque o livro é bom. Demos, por exemplo, quadrinhos, que são hoje romances gráficos, são livros excelentes. Por exemplo, *Mouse*, *Persépolis* e outros. Demos livro-reportagem, alguma literatura estrangeira também e fomos entendendo que nem todos os livros vão agradar todo mundo, e que essa é a vida de leitor.

Imagino que deve ter sido difícil no começo dizer o que é que funciona,

e o que não funciona. Imagino também que vocês devem ter pensado muito sobre isso: o que funciona, elas gostarem simplesmente ou render discussão, a partir da experiência de cada uma? Ou ver uma evolução de percepção de leitura?

Acho que tudo isso. Elas gostarem e não gostaram do livro, as duas frentes são muito boas, porque às vezes você tem uma maioria ali que não gosta do livro, e a discussão é muito melhor. E tem uma defesa de quem gostou do livro, então você fica ali trabalhando argumentação a favor ou contra e essa é uma coisa muito legal. Nessa primeira fase, que durou um ano, tivemos a mesma turma todo mês lendo, participando do clube.

Eram 20 detentas? Todas iam para a discussão?

Eram vinte. Todas iam. Você vai trabalhando o modo de argumentar, a expectativa do livro, a frustração de um final feliz que não veio, e aí, depois de um ano lendo um livro por mês, a discussão dá um salto qualitativo absurdo. Então, não gostar do livro não era um problema.

E a nossa função era fazer com que elas entendessem que a vida de leitura é assim: você vai gostar um pouco mais, um pouco menos, às vezes você não gosta porque o livro não tem a ver com o seu repertório, às vezes você não gosta porque o livro tem exatamente tudo a ver com o seu repertório, e aquilo pega de um jeito que mexe muito com você. Por exemplo, elas começaram esperando que os livros tivessem um final feliz, e os livros não têm um final feliz. É um pouco um repertório que vem das novelas e dos filmes comerciais. Isso também é uma coisa que foi sendo desfeita ao longo do tempo. Assim, acho que capacidade de articulação é um critério, entendimento de que aquilo não vai ser um Nirvana o tempo todo também é outro critério. E a ideia de que elas, a partir desse repertório diverso, vão criando um gosto próprio. Então, a certa altura, uma diz “eu acho que eu gosto muito de quadrinhos”, ou a outra diz “não, quadrinho não é para mim”, ou uma delas ficou totalmente apaixonada por um livro de não ficção, um livro-reportagem e diz: “nossa, essa coisa das histórias reais eu adoro”. É isso você vai agregando, esse espírito de formação mesmo.

A gente também percebeu dos clubes que talvez a coisa mais importante



da leitura seja uma leitura compartilhada, em que todas as opiniões são válidas, que é algo que você não tem em sala de aula. Os comentários a respeito do livro, as impressões, são muito mais leves e menos cerebrais. Eu acho que essa é a essência da formação do leitor, que nas escolas nem sempre você consegue ter.

Isso que eu ia sublinhar um pouco, quer dizer uma concepção de formação de leitor, que não tem a ver com repertório, erudição, bagagem, mas mais com a experiência real de leitura e uma experiência de uma rede de leitura. Que se estabelece na vida real, porque, claro, a vida real também é feita de relações. Mas imagino que num universo tão concentrado de tempo e espaço é possível ver o retorno disso de uma maneira muito clara.

Muito clara. O projeto, se você ler na chave dentro de um universo, que é específico, que são presos, vai ter respostas muito diferentes do que você teria fora. Isso também foi uma coisa que se dissolveu, porque essas meninas estão presas, mas elas não estavam. Então elas fazem parte de uma porcentagem enorme da população, que tem um tipo de formação que não é a mais adequada, e não se formou o leitor. Só que, se funciona para elas, funciona para todo mundo. Então, eu acho que a chave vai ser sempre a chave do prazer, e de você lidar com coisas que você gosta mais ou gosta menos, entendendo essas autoanálises do que te interessa mais. Então, o grande barato do clube é justamente o encontro. Você tem um encontro ali que tem leveza, tem prazer, você pode se sentir livre para dizer aquilo que você quer, sem estigmas, porque parte do erro da formação do leitor é usar critérios que vão contra o seu prazer cotidiano de ler coisas que nem sempre são coisas muito sofisticadas. Então, elas não vêm com esse repertório, se elas disserem que não gostaram da *Revolução dos Bichos*, de George Orwell, essa informação vai ser totalmente aceita, que é uma coisa que a gente pensa duas vezes em dizer para o mundo.

Desdenhar de um clássico pega mal. [risos]

Você não pode desdenhar de um clássico. Significa pouca sofisticação intelectual, falta de repertório, capacidade de percepção e tal. Só que é só



você olhar para sua vida de leitor: você não vai gostar de todos os clássicos, por uns você vai ficar totalmente apaixonado, e de outros você vai dizer “olha, eu não consigo ler Dostoiévski, eu não gosto. Aquele narrador não me agrada, aquela discussão, aquelas questões, aquela problemática dos livros não me interessa”. Então, a gente não fala mal dos clássicos, e fala mal com muita facilidade de livros que são mais comerciais. Só que o leitor pode gostar dos livros que sejam mais comerciais, assim como você acessa a Netflix e vê um filme que é uma bobagem, e você se divertiu por duas horas. Então, por que esse critério não pode ser estendido para os livros?

Em algum momento houve uma tentativa por parte do grupo de leitores e leitoras de reivindicar algum tipo de leitura, sugerir ou se questionar “por que esse livro, porque não outro?” Esse tipo de diálogo se estabeleceu?

Sim, algumas vezes, porque elas não tinham repertório na cabeça que tivesse a ver com catálogo da Companhia – porque este era um critério, os livros tinham que vir a partir do catálogo da Companhia, porque estavam disponíveis. A Companhia tem um catálogo enorme, mas tem ali uma nota de corte, que vai para o literário. Então, às vezes elas pediam por exemplo, para a gente ler livros que fossem de autoajuda. Como não tinha no catálogo e como esses livros estão disponíveis na biblioteca, também não fazia muito sentido trazê-los porque já faziam parte do repertório. O mesmo vale para livros religiosos, ou da Zibia Gasparetto, ou livros esotéricos.

Esses livros já faziam parte do repertório e a gente estava com uma proposta de mexer um pouco no lugar que elas ainda não conheciam, mostrar um pouco dizendo o que esperar de livros, buscar nesses outros livros a capacidade de articulação a favor ou contra. Isso era uma coisa super importante, porque no começo elas diziam eu gostei do livro eu não gostei do livro e ponto. É uma argumentação bastante pueril, as crianças dizem isso, né? A gente ficava o tempo todo dizendo: “não gostou por quê?”, “Gostou por quê?”. E elas vão criando ali uma capacidade de articulação, que ajuda a criar esse repertório.



Muitas vezes vocês estimulavam a retomada de algum trecho, ou apontavam para alguns elementos essencialmente literários? Algo como vamos falar desse narrador ou por que esse personagem não está convincente, ou não está bem elaborado? Por que está se comportando assim? Esse tipo de aproximação mais literária é uma aproximação que todo leitor é capaz de fazer, porque é uma operação que instintivamente exige, mas isso aparecia?

Essa é uma pergunta muito boa, porque o mediador é uma autoridade diante do grupo, mas ele tem que tentar fazer um esforço imenso de fazer uma conversa que seja horizontal. Cabe a ele instigar as discussões acolher, as opiniões diversas, tentar desenvolver esses argumentos que sejam mais literários de verossimilhança, formação do personagem, enredo, mas de um modo bastante sutil.

O que eu fazia era deixar a discussão correr. Às vezes tem alguém que fala demais e tem que breicar, às vezes algum tímido não fala, você tenta puxar, e o Clube ia rolando com essa conversa, e, a partir do que vinha, eu deixava para o final para fazer uma pequeníssima introdução a respeito de um livro que que tivesse ali uma questão temporal que fosse não linear. Então vai e vem, vai e vem, aí a leitora fala “eu achei muito difícil”. Aí eu digo que ela está achando difícil, porque é difícil mesmo. É a hora em que se introduz a questão da verossimilhança. De algum modo, tentava fazer isso com bastante leveza, fazendo uma pequena introdução, mas só deixando isso para o final, para não virar a pessoa que tem a palavra final, que é tudo que o mediador não pode ter: ele não é professor, ele não dá palestra, ele mais ouve do que sai dizendo as verdades sobre o livro.

Imagino que desde o início uma questão deve ter ocupado a sua relação como mediadora, e a de outros integrantes do projeto: a ressocialização, que de uma forma está implicado, está no horizonte. A ideia de que a leitura para quem está preso, por um detento para o universo carcerário de modo geral é algo que talvez possa reconectá-lo com o mundo, a sociedade. Como é que vocês pensavam isso? Imagino que tem algo aí que está no horizonte, que a leitura é capaz de formar ou de aprimorar em uma relação interpessoal, uma relação com o próprio mundo, com a



sociedade. Mas ela tem seus limites: ser leitor melhor não te abre portas, não te põe no mercado de trabalho. Entender essas expectativas, tanto da parte da equipe, quanto da parte das detentas, deve ter sido meio complexo também, não é?

É, a questão que se coloca é: qual a função do Clube de Leitura? Ou depois de uma experiência com Clube de Leitura dentro de uma unidade prisional, você estando presa, o que isso vai refletir no futuro? Se eu quisesse fazer uma frase edificante e fazer a plateia chorar, eu diria que a Literatura é transformadora ela salva, e não sei o que mais. E a gente sabe que isso não é verdade. A literatura não tem contraindicação, mas não significa que ela seja capaz por si só de transformar a vida de uma pessoa de um dia para o outro.

A expectativa que tínhamos do Clube de Leitura era bastante pragmática. Os presos vivem dentro de uma rotina que tem a ver com disciplina e segurança. O Estado tenta dar conta disso, mas o que se espera é que essa pessoa saia da cadeia e não volte mais. Só que o que você tem lá dentro para que, quando saia, saia com alguma luz no fim do túnel? Ter o Clube de Leitura por algumas horas naquele mês, seja durante a leitura do livro ou nos encontros, quebra um pouco esse sistema. Muitas vezes elas fazem reflexões pessoais que remetem ao que elas fizeram e ao que elas gostariam de fazer. Se a gente for pensar efetivamente no que o Clube ajuda, o que uma outra atividade artística, de raciocínio e tal possa fazer, acho que é mudar a chave da sua percepção interna, e da sua existência para aquilo que está ao redor.

Porque mesmo com uma boa formação, você não estando no universo vulnerável, e sim numa família mais estruturada, mesmo com todos os elementos a favor do seu lugar no mundo, que vai te colocar numa posição confortável, mesmo assim você pode patinar. A coisa é muito mais complexa. É só ver ao redor da gente quantas pessoas estão sem um lugar de que gostariam, embora tenham tido todo esse *background* favorável. Numa situação que é mais complexa, de baixa formação, sem uma perspectiva, a dúvida não é “será que eu vou cometer um delito? Ou eu vou fazer um mestrado na USP?”. Não tem essa relação direta, mas eu acho que naquele momento que a gente participa do Clube, que elas leem os livros, aquilo é um deslocamento que é muito importante, que você tem um respiro



num ambiente que não te dá muito acolhimento, não é a sua casa. Você tem uma convivência com centenas de outras pessoas, você está dividindo espaço, tem restrições de liberdade cotidiana, divide cela, os banhos não tem capacidade, então é quase você suspender esse dia a dia, interromper, e ir para a literatura, para outras histórias, um bate-papo, com leveza, sem julgamentos. Acho que eu responderia sim. Esse momento de suspense é a coisa mais importante do Clube. Sobre o que vai ser feito depois a gente não tem controle.

Depois desse momento inicial, como é que a coisa se ampliou? Hoje o Clube de Leitura foi levado para várias unidades, não é? Então imagino que vocês devem ter tido muito sucesso. Como é que foi essa percepção de que isso poderia ser ampliado, e qual foi o direcionamento que vocês decidiram dar?

A gente começou em 2010 e em 2013 saiu uma recomendação do Conselho de Justiça para as unidades prisionais, de que os presos poderiam ter remissão através da leitura. A lei diz o seguinte: a cada livro lido, independente do gênero, do número de páginas, você tem quatro dias de remição de pena. No prazo de 12 meses, você pode ler 12 livros, então em um ano você tem 48 dias de remição no máximo. A partir do décimo-terceiro livro, a leitura é por sua conta.

A partir de 2015, a gente pensou que poderia tentar usar isso. A experiência de Santana deu todo esse entendimento do que eram os Clubes de Leitura, qual era o espírito do Clube, quais os livros que funcionavam melhor e outros que não, Tínhamos de pensar no Clube de Leitura somado à remição. O projeto continuou em Santana, mas entrou para mais 12 unidades na Grande São Paulo, no estado. Conseguimos fazer algo, mas que depende de outras frentes. A lei diz um livro menos 4 dias. O que vai para o juiz é uma redação de próprio punho do preso, que tem que passar por um parecerista, que atesta que o fulano leu o livro. Esse é o documento que vai para o juiz avaliar, e aí ele vai julgar se vai dar remição ou não. Isso significa que, além dos clubes, temos que fazer a escolha das unidades. A gente fez uma parceria com a FUNAP, que é uma fundação de apoio ao preso, o braço de reintegração do preso na sociedade, que cuida também das questões educacionais. Digamos é o braço humanista do sistema prisional. Fizemos



uma parceria através do superintendente aqui de São Paulo. Ele escolheu as unidades. Entendemos que várias pessoas fazem parte do projeto e essa cadeia toda tem que estar favorável, senão você não consegue. Significa que a FUNAP escolheu as unidades em que os juízes eram favoráveis à remição, e tem depois uma conversa com a direção de cada unidade para saber se a direção também é favorável, porque dela depende dar um comando para formar um clube, para escolher quem são esses presos, para abrir as portas, para dar autorização para eles saírem dos pavilhões e irem para as áreas externas, ainda dentro da unidade. Então, tem um trabalho ali dentro, em que o diretor precisa estar favorável.

Como estamos falando de 12 unidades, tinha que ter um mediador em cada uma. Para os mediadores, a solução foi a FUNAP, que está em todas as unidades em São Paulo. Os funcionários da unidade e o superintendente escolheram um funcionário da FUNAP, e esse funcionário, além das suas atribuições, seria mediador de leitura também. Tínhamos essa figura do mediador, não precisávamos ir às unidades, até porque eles já moram nas suas respectivas cidades. Seguindo o projeto, você tem que ter também o parecerista. A gente formou trinta pareceristas, que são funcionários da Companhia, voluntários e pessoas ligadas à coordenação, amigos, pessoas que têm a ver com literatura. Ou seja, pareceristas internos e externos, todos voluntários.

Para fazer isso, a gente entendeu que não bastava dar esse pontapé inicial e fechar essa equipe. Precisava acompanhar, monitorar e formar quem estivesse participando do projeto. Então fizemos formação de mediador com esses mediadores, com esses funcionários da FUNAP. Temos reuniões mensais com eles para saber quais são as dificuldades, o que está dando certo, porque a experiência de um acaba ajudando o outro. Então existe um acompanhamento mensal. Fizemos também a formação dos pareceristas, porque, ao ler uma redação de alguém que tem má formação, muitas vezes você fica na dúvida se ele leu o livro e não foi capaz de fazer um resumo, ou se ele não leu o livro. Estabelecemos alguns critérios, que também fazem parte da formação: erros gramaticais não contam, opiniões pessoais não contam para remição, o preso tem que dar conta de contar o livro, começo, meio e fim. Assim, também tem um acompanhamento dos pareceristas, que às vezes ficam na dúvida se dão parecer positivo ou negativo. É claro



que a gente faz essa movimentação toda para dar os pareceres positivos, mas o preso tem que cumprir essa tarefa mínima. Se ele não leu até o final, a redação, do meio para o fim, começa a dizer outras coisas, o amor de Jesus, sei lá o quê, então a gente nega.

O índice de aprovação é alto?

É alto. Algumas unidades tiveram mais dificuldades, então nossa sugestão para o pareceristas é, quando ele negar, que ele diga onde o leitor pode melhorar na redação. Então, se o preso tem um parecer negado no mês, recebe-o de volta. Ele não pode refazer, mas nas próximas vezes ele vai ser mais assertivo.

É uma logística em que toda a cadeia tem que estar funcionando perfeitamente. Se todo mundo é favorável, e com o acompanhamento, é um projeto zero assistencialista. Tem um espírito bem profissional de autonomia, de controle, de acompanhamento, de melhoria. Entendemos sempre que, quando uma coisa não está dando, fazemos uma adaptação. Você não pode aplicar uma regra geral: nem sempre funciona em todas as unidades. Por exemplo, o critério de seleção. Como é que, de uma população de 1.000 ou 2.000 presos, você vai escolher 20? As unidades têm lá os seus critérios, e a gente deixa que eles escolham.



A procura tem sido grande por parte dos detentos? Quando vocês anunciam a criação de um Clube de Leitura sempre tem muitos interessados?

Tem interessados. Primeiro, a gente entende que os interessados falam “puxa, remição”, e isso é um pouco o chamariz. À medida que o clube vai acontecendo, a remição fica muitas vezes em segundo plano, porque o pessoal está entendendo que tem um encontro, tem os livros, tem o repertório.

Tem experiência.

É a experiência acaba se sobrepondo à questão da remição. Claro que eles não vão esquecer que tem esse benefício, mas, se o preso entra por conta

da remição, muitas vezes a remição ganha uma importância relativa. Isso é muito legal, é sinal de que o Clube está dando certo.

Essa experiência, que começou com um grupo de detentas, se ampliou também para os homens?

Sim, e são a maioria agora, porque a maioria das unidades é masculina. Não temos isso como critério: a nossa linha é que a rede tem de estar favorável. Numa unidade em que o diretor não é tão favorável a gente não faz

Mas também imagino que resposta sobre a decisão do juiz deve demorar um pouco. Então o Clube vai acontecendo, essas redações vão sendo produzidas e a notícia sobre a remição vem.

É, demora um pouco, vem depois. Não é imediato porque a redação tem que sair da unidade protocolada para Companhia, a Companhia distribui, o pareceristas precisam ler, isso volta para a FUNAP e a FUNAP distribui para as unidades, e depois vai para o juiz. Então tem um caminho que não é feito rapidamente, mas ele é feito sistematicamente. E funciona bem assim



Você consegue acompanhar os Clubes? Eventualmente você participa de algum?

Às vezes eu vou participar de um ou outro. Às vezes tem uma TV que quer entrevista, eu acompanho. A maioria deles acontece sem a nossa presença. O que a gente sabe sobre o que está acontecendo em todas as unidades é a partir dessas reuniões mensais com os mediadores. A gente fica um pouco nessa coordenação, assim no backstage.

Você tem contato com detentos ou detentas que saíram do sistema penitenciário e de alguma forma você conseguiu acompanhar a trajetória? Li um texto seu em que você comenta de uma detenta que te escreveu.

É, eu sou amiga de uma delas no Facebook. Ela participou do clube, era

uma leitora super legal, muito atenta, opinava. Ela saiu, começou a estudar farmácia e trabalhava meio período, estudava, tem uma filha. Foi essa mudança bastante radical assim de projeto de vida. Ela me escreveu no Facebook querendo saber de mim, queria saber se os clubes estavam acontecendo, dizendo que sentia saudade, e que os clubes foram super legais para ela. Ela falou “acho estranho dizer que eu sinto saudade de alguma coisa de quando eu estava na cadeia, mas os clubes são uma coisa de que eu sinto muita saudade. Isso foi muito importante para mim”. Talvez essa seja a melhor resposta possível sobre esse trabalho. Como você vai avaliar a importância do clube dentro de um universo que tem que ser refeito? Ela deu espontaneamente essa resposta e eu fiquei super feliz, porque é a ideia.

Mesmo que a experiência do Clube de Leitura não tenha se refletido diretamente, ou nitidamente na trajetória futura dela, não é?

Isso é legal, porque ela falou assim: “olha, depois que saí de Santana, eu não li mais. Eu estou estudando, estou trabalhando, estou cuidando da minha filha... e então não li mais”. Mas ela deu esse depoimento sobre o clube. Mas o fato de ela não estar lendo não importa, porque mais importante é ela estar retomando a vida com estudo, com trabalho, com a família, com o cuidado da filha dela. É irrelevante, eu diria até. As pessoas fazem uma brincadeira, dizendo que o preso não faz nada. Não é verdade. Muita gente trabalha e você tem ali uma rotina que não é exatamente livre totalmente. Tinha a ver com o encontro mais do que com ter tempo. E agora o tempo todo dela está tomado em retomar a vida. Então, não tem problema se ela não tá lendo. Ela está fazendo coisas que são fundamentais, e é isso que importa.

